

Terracap derruba 40 barracos

E famílias inteiras ficam ao relento na invasão do Varjão

Pelo menos 40 barracos foram derrubados ontem pela Terracap na invasão do Varjão, no Lago Norte. Famílias inteiras, com mulheres grávidas e crianças recém-nascidas, foram deixadas sem abrigo após os trabalhos dos fiscais, que duraram todo o dia. Nos próximos dias a retirada dos invasores deve continuar, já que a empresa pretende demolir 120 barracos até amanhã.

Segundo a Terracap, só estão sendo destruídas construções recentes, com menos de seis meses. Um dos chefes da fiscalização, que não quis se identificar, garantiu que todas as pessoas receberam notificações com 30 ou 45 dias de antecedência e que já haviam sido alertadas antes que não deveriam montar barracos no local. Os moradores, no entanto, negaram a afirmação.

SURPRESA

— Ninguém avisou nada. Hoje eu estava trabalhando e me ligaram contando que os fiscais estavam aqui destruindo tudo. Quando cheguei já não dava para fazer mais nada — disse, muito nervosa, a empregada doméstica Maria de Jesus Lima. Ela morava há dois meses com os cinco filhos no Varjão e agora não sabe para onde ir. “E o pior é que ainda nem acabei de pagar o material que comprei para armar o barra-

co”. O padre Henrique Lusier, de uma paróquia próxima à invasão, concorda com Maria de Jesus, informando que os moradores não foram avisados. Há dois anos, segundo ele, havia um fiscal fixo na invasão, que controlava o local, impedindo novas construções. “Mas de um tempo para cá os fiscais desapareceram e as pessoas foram montando seus barracos. Como ninguém dizia nada, acho que eles pensaram que o local estava liberado e, só na semana passada, foram erguidos uns 20 barracos próximos à pista”.

A Secretaria de Serviços Sociais, até às 16h não havia aparecido no local para oferecer ajuda aos desabrigados. As famílias, desesperadas, não sabiam o que fazer, já que as noites estão muito frias e as crianças não aguentariam dormir ao relento. “Eles foram chegando e derrubando tudo, quebrando as coisas de quem não estava em casa. Não sei porque eles fazem

isto com a gente. Eles têm onde morar. Por que a gente também não pode ter, só porque somos pobres? Questionou indignada Elisa Barbosa dos Santos.

A mulher morava com o marido e dois filhos na invasão. Grávida ela diz que não tem para onde ir, já que antes de construir o barraco, residia em uma chácara, onde o marido trabalhava. Desesperada, queria saber se alguém arrumaria um novo local para morar, mas os fiscais não souberam responder.

Drama pior vive a baiana Valdete Ramos de Alencar, que está em Brasília para fazer tratamento de saúde pois sofre de um problema na bexiga e terá que ser operada. Como não mora aqui, o marido, bastante velho, ganha a vida fazendo bicos em chácaras no Lago Norte. “Eu vim com o véio e mais cinco filhos e a gente não tem dinheiro para pagar aluguel”, reclamou.

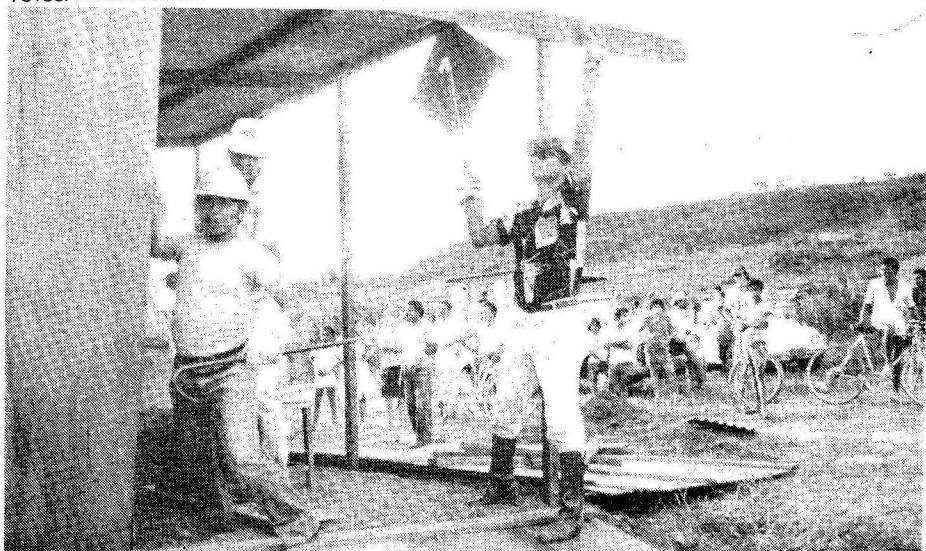
Ivanildes Reis de Souza, sua vizinha, diz que o marido, um jardineiro, está desempregado. Juntando dinheiro conseguiram comprar material e construir o barraco. Até então moravam de favor na casa de amigos. Agora, não sabe mais se poderá voltar para a antiga casa. O casal tem três filhos, entre eles uma criança de quatro meses.

DERRUBADA

Foram mobilizados cerca de 40 fiscais da Terracap para os trabalhos de retirada. Rapidamente, munidos de pés-de-cabra, eles demoliam os barracos, sem a preocupação de não estragar a madeira. Um verdadeiro pelotão de policiais da PM estava espalhado por toda a invasão para impedir reações de moradores mais nervosos.

Os moradores mais抗igos — há alguns barracos construídos ali na década de 60 — temiam que toda a invasão fosse destruída, hipótese afastada pela Terracap. O problema é que, coincidentemente, a luz de várias casas foi cortada no mesmo dia. O diretor do Departamento Comercial da CEB, Walter Flores, no entanto, negou que houvesse qualquer ligação com a derrubada. “Nós temos obrigações individualizadas com cada morador. Se a luz foi desligada em toda a área, o que não estou sabendo, ou ocorreu defeito ou foram feitos trabalhos de manutenção”, garantiu.

FOTOS: NELSON JUNIOR



Sem poder fazer qualquer coisa, os moradores do Varjão assistem a demolição